



Ordem, periferia e cultura: Um estudo sobre os bailes funk na cidade de Campos dos Goytacazes – RJ

Vitória Dias da Silva Neves, Luciane Soares da Silva

Visto que a maior riqueza para um aluno em formação voltada para âmbitos sociológicos é estabelecer uma relação da teoria com a realidade social, o presente estudo é essencial para o levantamento de questões raciais, principalmente, voltado para o funk, no qual o preconceito é extremo, seja ele com relação à cor da pele ou classe social, sem mencionar que tal ritmo não é considerado como algo cultural por muitos indivíduos. O presente projeto tem o intuito de explorar o espaço ocupado pelo funk, juntamente com a realização de etnografias assim que possível, além de analisar o espaço em que ocorrem os bailes funk, tem-se a pretensão de realizar entrevistas com pessoas que dependem de tal ritmo musical e de tais festividades para sobreviver, desde profissionais deste meio (como dj's e mc's), à indivíduos que trabalham com venda nos locais (como vendedores de bebidas, balas, etc). A metodologia teve suas limitações por conta da pandemia da COVID-19, entretanto, foram efetivadas análises de letras, leituras de bibliografias, conversas via Whatsapp com profissionais do funk e frequentadores dos bailes. Nas entrevistas, ficou nítido que os entrevistados não tinham uma noção tão abrangente de racismo com relação a tais festejos, entretanto, alguns falaram sobre a criminalização do funk e também sobre o abuso de força policial nas favelas em dias de baile ou não. As letras do ritmo até o momento que foram analisadas, tratam-se de nada mais do que a realidade dos moradores das periferias, que geralmente costumam ser os próprios funkeiros, ou seja, o mesmo retrata o que vive e o que vê diariamente. Pode-se afirmar, que os bailes funk em si, sofrem preconceito por serem em sua maioria, realizados em periferias, nas quais, há maior predominância de indivíduos negros e pobres. Nesse contexto, pode-se consolidar que essas festividades têm sua importância, pois além dos indivíduos estarem em busca de diversão e lazer por um custo financeiro relativamente baixo que possa caber em seu orçamento, que em geral também é extremamente limitado, portanto, o funk não se trata de algo que deva ser criminalizado, pois pessoas dependem do mesmo para sua sobrevivência. Nesse contexto, é possível concluir que a realização do baile funk é de extrema importância para indivíduos que dele dependem. E colocando em evidência as entrevistas, é perceptível que as autoridades policiais tratam uma festividade desse porte diferente de uma outra realizada em área nobre, principalmente quando é algo que se trata de contenção de público.

*Instituição do Programa de IC, IT ou PG: UENF
Fomento da bolsa (quando aplicável): CNPq*